

Entrevista da Irmã Maria Badini
sobre o sistema escolar no Alto Rio Negro (AM)
a Carlos A. Ricardo/CEDI.

SGC, maio 87.

Entrevista Irmã Maria Badini, maio de 87 -

P - Ir. Badini, qual a situação atual das escolas da região em que a sra. trabalha ?

- Nós temos uma rede estadual e 3 escolas das quais eu sou responsável diretamente em relação à (...) e temos uma rede municipal. No município de S. Gabriel da Cachoeira as escolas estaduais são 6, da rede estadual e municipal são 137. Nós ficamos responsáveis não somente daquelas da rede estadual mas também das escolas rurais que preparam os alunos da 1ª à 4ª série.] Logo em seguida eles entrarão no colégio para continuar o ginásio e no 2º grau.

P - Há quanto tempo a sra. chegou aqui em S. Gabriel da Cachoeira?

- Há 5, 6 anos que trabalho aqui no centro em S. Gabriel, mas na área já tenho 15 anos, portanto conheço também os outros distritos, as dificuldades, as necessidades e toda a organização.

P - Será que a sra, poderia traçar um breve histórico de como é que o sistema escolar foi montado aqui na região pelos salesianos e quais foram as grandes mudanças em termos de estrutura para chegar à configuração atual, ou seja, as escolas ligadas à Secretaria de Educação mas geridas, digamos, por vocês, é assim que eu entendo.

- Sim, exatamente...

P - (...) que os salesianos chegaram aqui.

(...)

- Os salesianos chegaram aqui no Rio Negro em 1915, iniciando aqui em S. Gabriel, naturalmente, desde a chegada deles, eles iniciaram com escolas e, no começo, as escolas eram escolas profissionalizantes. Aos poucos, ao longo dos anos, vieram se abrindo as outras missões e desde a abertura se formaram nas escolas profissionalizantes modo especial de desenvolver a agricultura. Mas em todas as missões, logo se abriram, desde o começo, oficinas, marcenaria, mecânica, alfaiataria; sempre se cuidou, também, do artesanato, que é uma característica da nossa região. Na missão os meninos também aprendiam a fazer isso e aperfeiçoavam esse artesanato, sejam os meninos

ou as meninas, portanto nós cuidamos desde o começo seja dos rapazes que das moças. Portanto, os primeiros 10 anos da nossa atividade foram um esforço muito grande para organizar e também conseguir ajuda, que eram (....) devido, ainda, à falta de organização central, do Estado.

Desde a chegada do Miguel Alana, no 1968, ele vinha com uma experiência de organização de escolas no Mato Grosso, ele falou logo de entrar em contato com a Secretaria da Educação e entraram em convênio. Desde aquele tempo as escolas ficaram conveniadas às escolas centrais das missões, porém, desde aquele tempo, nós começamos a ter dificuldades para o internato, para juntar os meninos do interior, para mantê-los no centro da missão e o Miguel bolou assim um desenvolvimento, uma descentralização do estudo, do ensino nas comunidades ao longo dos rios. No começo se pensou na possibilidade de reuni-los em centros menores através de voadeiras; se fez uma tentativa, mas as despesas de gasolina, de motores eram muito grandes e ninguém aguentava. Assim se pediu uma intervenção do município no pagamento dos professores e se formaram, ao longo dos rios, nas comunidades maiores, pequenas escolas, de 1ª a 4ª série. Hoje acho que esta rede de escolinhas rurais é tão capilar que chegamos a uma alfabetização quase total da nossa população, não obstante as dificuldades de distância que são, de verdade, incríveis. Acho que o Brasil, se a gente compara com outras regiões, acho que somos uma das regiões melhores atendidas do ponto de vista de instrução.

Naturalmente tivemos o grandíssimo problema de preparação dos professores e esse esforço está ainda continuando. Outro dia me perguntaram: "mas vocês já formaram demais professores", e a gente vê que ainda precisamos de formar mais professores. Em primeiro lugar, porque estamos aperfeiçoando cada vez mais; nas escolinhas rurais, hoje em dia, nós temos professores que, pelo menos, tem o 1º grau completo, mas já estamos contando a preparação deles no magistério, prepará-los quando eles já estão trabalhando não é fácil porque a região é muito grande, estão muito espalhados na beira do rio. Porém já estamos apostando nisso porque a escola central serve para prepará-los à nível já de 2º grau, a única escola de 2º grau é esta

de S. Gabriel; naturalmente, depois, devemos lançá-los nos cursos in tensivos de férias para preparar a turma com licenciatura curta e plena. Estamos até, agora, desejando que este ano chegue em S. Gabriel uma plena para preparar melhor o nosso povo. Nós temos já um bom número de professores com licenciatura curta nas várias áreas. Quando o pessoal que vem aqui em S. Gabriel nos pergunta sempre: "como é? Os professores de você estão preparados, estarão à altura?", e nós: "não, trabalhamos somente com os professores da região, são pouquíssimos de fora que nos ajudam e acho que estão todos na altura, estão bem preparados". Ainda este ano tivemos um grupo bastante grande, de 45, da área toda, de todos os distritos, que participaram do grupo adicional (...), outros estão na licenciatura curta de Taquatiara, de Tefé, de (...), nas várias áreas. Portanto, o esforço de continuar a prepará-los é contínuo, a gente não vai parar. Muitos também saem da área de magistério, propriamente dita, porém encontram em outros campos a realização deles.

P - Nesse momento, quer dizer, a capilaridade dessa rede escolar, ela atinge quantos alunos nesse ano letivo de 87, a sra. tem idéia?

- Acho que se a gente calcula todos os distritos, a gente calcula nessa faixa de uns 7 mil alunos, no nosso município de S. Gabriel, incluindo todos os distritos de fronteira, Pari-Cachoeira, Jawareté, Içana, (...), (...). Agora, eu não sei muito bem as estatísticas do município de Santa Isabel do Rio Negro e de (...), que também entram nessa área, porém estão em aumento porque a difusão capilar dessas escolinhas rurais chega a alcançar também os grupos mais afastados.

P - Agora, em que medida a questão indígena, ou o fato de que a maioria dessa população atingida pelas escolas são de origem indígena, vive como índio e participa, digamos, de uma diversidade cultural muito grande, em que medida isso é tomado em conta no trabalho que vocês estão fazendo?

- Naturalmente a gente se questiona continuamente sobre as necessidades dos vários grupos, não se pode pensar que estão todos no mesmo nível de desenvolvimento (...) e a segunda também, portanto, das exigências de cada grupo é a procura de adaptar-se, ir ao encontro das

necessidades; em alguns lugares aplicamos ainda essas cartilhas de alfabetização na língua indígena e ajudamos...

P - Quais cartilhas ?

- A cartilha Yanomami, a cartilha Tukano, é aplicada ainda em muitos grupos, porém em outros, ao longo do rio Negro, já temos a mistura de várias tribos, isto complica porque a língua já não é a mesma e não podemos fixar-nos só no ensino de uma língua que é familiar para alguns, mas fica estrangeira para os outros e aí já a língua comum é a língua portuguesa. Agora, na área Tukano, propriamente dita, também se apresentam dificuldades pelo fato que muitas tribos têm língua ainda diferente. Também se a língua Tukano predomina, nos lugares onde são mais primitivos, ainda não se tem muita familiaridade com o português, as crianças sentem o choque, aí a gente deve ir devargazinho. Muitas crianças entram na alfabetização sem saber ainda uma palavra de português, portanto devem ser iniciados com muita paciência, com muito jeitinho, eles sentem um pouco de dificuldades no início, mas a gente vê que eles gostam, dão valor ao estudo, procuram. Eu acho que mais os grupos são indígenas puros, mais tem interesse. A gente vê, ao longo do rio Negro propriamente dito, onde já tem muita mistura de tribos e tem mais o tipo caboclo, tem muito menos interesse para o estudo e a gente tem muito mais dificuldade, até na organização das escolas, por falta de professores deles. Já encontramos mais professores preparados nos grupos Tukano que com estes caboclos nestas nossas regiões, e talvez a influência do branco, eu digo nisso, é negativa. Tem entrada de muito espírito individualista que faz com que eles se reúnam pouco em pequenos centros, em pequenas comunidades, automaticamente sendo afastados da escola e tudo isso acho negativo, pois são mais facilmente explorados pelos comerciantes (..) que passam na beira do rio. Naturalmente a escola é uma base para fazê-los se libertarem economicamente, e acho que tem mais escravidão nas margens do rio Negro que nos afluentes, onde é um povo puro, já esclarecido e mais interessado em se preparar para se defender dos brancos.

P - A sra. falou sobre a maneira pela qual vocês estão tratando a alfabetização, se é na língua materna ou no português, agora, eu insisto na pergunta: em que medida o fato de a maioria da população aqui ser indígena é tomado em conta, por exemplo, no planejamento dos currículos, na dinâmica das escolas e tal. Isso é uma questão para vocês, um problema, como é que vocês estão vendo isso ?

| - Se está procurando adaptar também as matérias mais às necessidades do nosso pessoal, por enquanto a gente não introduziu no ginásio a língua estrangeira nas missões, porque a língua que mais interessa a eles é a local, a língua deles. Aprende portanto a escrever na própria língua, que por tradição era exclusivamente oral e também na parte do primário, a gente já tem um aprofundamento das matérias de História, de Geografia, mais da região, a gente faz com eles pesquisas, prepara pequenos programas adaptados à região, não vamos introduzir o programa de estudo do município de fora, naturalmente de outros estados, a gente faz ele aprofundar primeiro a própria terra, e nisto a gente tem bastante cuidado. Eles mesmos, os professores da região, estão fazendo estudos, esses aprofundamentos para ter um programa mais interessante para eles.

P - Agora, se a sra. pudesse resumir, quer dizer, qual é o sentido, o valor maior, o propósito maior do trabalho que vocês estão fazendo a nível de educação nessa região, uma vez que a escola é uma marca dessa congregação, então se a sra. pudesse resumir assim à nível filosófico, doutrinário, qual é o fim do trabalho que vocês estão fazendo ?

= Nós acreditamos na missão da escola, isto é, hoje em dia, no mundo de hoje, o indivíduo sem instrução, sem uma formação, não pode enfrentar uma sociedade hodierna, isto vale para nossos povos indígenas. Hoje mais do que nunca, a gente não pensa de desenvolver somente um estudo puramente assim abstrato, também porque o caráter dos nossos indígenas é bastante concreto, portanto damos a eles os conhecimentos básicos para enfrentarem a vida, sentindo-se ao mesmo

nível dos brancos. Nós queremos que eles cheguem a essa conscientização, que eles não são nada menos por inteligência, por preparo que o mundo branco. Isto acho que é o nosso desejo, porque acreditamos que eles alcançarão os lugares de direção desta sociedade amanhã e, naturalmente, sem essa base de preparo, naturalmente esses lugares são à eles excluídos. Nós preparamos também do lado um pouquinho técnico, também as escolas hoje, a Secretaria, não se preocupa mais com esse ensino profissionalizante mas nossas escolas, na prática, continuamos com ensino profissionalizante. Olhando a todas as áreas, não é verdade que só preparamos no campo do magistério, porque muitos dos nossos rapazes, das nossas moças, encerram o estudo com a 8ª série, mas não é uma 8ª série assim genérica, como em Manaus. Os nossos já saem com a profissão na mão, tem já noções de marcenaria, de mecânica, eletricidade, aprofundaram, desenvolveram um pouquinho mais o artesanato, se especializando. Damos também noções de comércio, contabilidade, etc., porque sabemos que na sociedade de hoje, é necessário que eles saibam se sair, tenham noções de um pouquinho de tudo, e não tem outras escolas na região, somos nós os encarregados de abrir todos os campos para eles. No campo da saúde também se fazem muitos cursos preparando enfermeiros, atendentes de enfermagem, dentista, eles mesmos aprendem. Como é? Protéticos fazem a chapa, porque não tem ninguém de fora que queira vir morar nessa área, e nós acreditamos que o nosso povo tem qualidades, tem possibilidade de fazer, de assumir todos esses ofícios. Portanto, de quando em quando tem algum cursinho, de um lado e de outro, mandamos alguém se aperfeiçoar, voltar para transmitir, prepararem outros. É todo trabalho que é voltado a todos os campos, a todas as necessidades dessa pequena sociedade, também é miniatura ainda, é pequena, porque tudo aqui é difícil, as coisas na cidade são mais simples. "Vou frequentar aquele curso", aqui tudo é difícil, nos deslocamos para muito longe, e aí os elementos básicos procuramos juntá-los aqui para eles já fazerem uma escola e também nas diretrizes de vida que eles querem seguir amanhã, para eles não irem para uma cidade despreparados e errar, digamos assim, nas escolhas, nas seleções, na escolha da própria vida.

P - Agora, ao longo desses anos, qual tem sido o destino dessas pessoas que vocês formaram ? Vocês têm uma visão sobre isso, digamos uma estatística, enfim, qual a avaliação que a sra. faz do destino desses profissionais que vocês formaram ao longo desses anos ? Uma boa parte está empregada nas escolas, agora como a sra. vê, digamos, o ponto final dessas pessoas ?

- As necessidades surgem sempre novas. [Nesses últimos anos, por exemplo, se abriu esse campo de mineração, naturalmente é um campo técnico, ainda desconhecido nessa área. Também nesse campo a gente se preocupa de lançar alguém, isto é, todos aqueles que se formaram nesse campo de trabalho. Quem tem uma base de 2º grau pode depois sair para uma especialização sucessiva em outros campos. E a gente prevê a expansão em todos os níveis, a gente vê o crescimento dessa região, todo mundo que conheceu o rio Negro, 20 anos atrás, voltando hoje encontra um crescimento e a gente vê que são os nossos elementos que estão levando para frente essa caminhada. Temos já muitos vereadores, aqui em São Gabriel da Cachoeira, na sede do município, mas também em vários distritos, já estão começando a assumir, há pequenas cooperativas, lojas comunitárias, eles que começam a assumir, eu digo sempre, estamos no começo porque o trabalho é muito e a gente prevê um crescimento sempre maior, todo mundo diz, o rio Negro continuaria a crescer e naturalmente nós queremos que os nossos indígenas sejam eles mesmos os autores do crescimento deles, não fiquem mão-de-obra barata para os brancos que chegam de fora. Este é o nosso desejo, é para isso que nós estamos lutando.

P - Agora, a sra. se referiu à mineração, vocês estão pensando em alguma coisa específica nessa área ou não ?

- Nós diretamente não temos condições de abrir escolas técnicas para isso, porém a gente aproveita de todas as chances de bolsa de estudo que aparecem. Um grupo de 10, que esse ano desceu para Manaus, iniciou a escola de mineração. Temos já uma turma, eu acredito que 15 na área toda, formados em agropecuária, é outro campo que a gente está tentando desenvolver muito. Naturalmente tudo é difí-

cil e portanto há também o mexer com muitas comunidades, as comunidades são muito numerosas aqui no rio Negro, não é fácil.

Gostaríamos de preparar um líder para cada comunidade, "experts" nos vários campos para ser um técnico local, que possa dar animação na hora H, uma iluminação nas decisões de comunidade.

P - Agora, como é que, nesse sentido, a sra. vê essa 2ª Assembléia dos Povos Indígenas do rio Negro, e digamos, inclusive na qual havia um ponto de pauta que era justamente sobre o trabalho missionário, o que acabou me parece bastante difuso durante a reunião, mas enfim, como é que a sra. percebeu essa 2ª Assembléia ?

- Achei uma coisa muito positiva, o encontro de tantas lideranças e uma troca de idéia entre eles, serviu acho que de conscientização, o problemas das mineradoras, do Calha Norte, são problemas grandes que estão se abrindo agora no nosso horizonte, difícil para nossos indígenas, porque naturalmente estão em jogo interesses muito grandes, muito fortes, interesses econômicos, que é até difícil às vezes para o branco conseguir entender. Essa troca de idéias eu acho muito positiva. A Assembléia foi toda criada por eles, organizada e conduzida na frente por eles e isso cria experiência. Também não foi tudo fácil, a gente sentiu umas pressões durante as reuniões, nós participamos como ouvintes, mas a gente sentiu as pressões, mas ao mesmo tempo, como a turma indígena reagia, isso significa que tem uma consciência, um espírito crítico neles e que naturalmente os ajudará nessa caminhada, no início de uma história nova, uma era nova, que será a era das minerações, que irá trocar completamente, eu acho, o rosto do rio Negro. De uma economia extrativa e agrícola muito primária, não sei se passará talvez a uma economia bem diferenciada. Naturalmente essa troca será muito pesada para o nosso povo indígena. É necessário que eles assumam, sejam conscientizados, sejam autores dessa transformação não somente sem errecção mas eles mesmos levem para frente conscientes de que cada decisão, cada passo dado é muito importante para o futuro deles. A igreja ficou sempre, digamos assim, atrás deles, quase para apoiar os movimentos deles, nós não queremos assumir porque são eles que de-

vem assumir, portanto nós não ficamos falando muito, deixamos eles falarem, mas participamos dessas reuniões com muito interesse e discutindo com eles (...) problemas graves que estão se apresentando.

P - Vou mudar de assunto agora. Eu queria que a sra. pudesse me dar uma idéia, como é que funciona o sistema de incentivo, captação e comercialização do artesanato que é uma parte cuidada pelas irmãs, né ?

- Não, eu não quero dizer que somos nós que cuidamos disso, absolutamente, aqui em S. Gabriel nós compramos um pouquinho do artesanato deles, porque às vezes eles só encontram no comércio uma desvalorização muito grande da produção deles. E para contrabalancear isso, nós damos valor maior ao artesanato deles, porque no interior assim, é na base de troca, produto com produto e às vezes o artesanato é um produto que é pouco valorizado. Mesmo os comerciantes da cidade dão um preço muito abaixo, nesta inflação rápida, galopando que está se tendo agora no Brasil, naturalmente esses produtos são desvalorizados demais. No interior e nos outros distritos, são os indígenas mesmo que levam para frente esse comércio, eles reúnem o artesanato no centro, trocando com mercadorias que eles querem de S. Gabriel. Portanto é na mão deles, nós aqui só temos uma função de contrabalançar e não deixar que eles sejam explorados.

P - Uma última pergunta, a sra. pretende ficar aqui por quanto tempo ?

- A vida, naturalmente, quando a gente escolhe uma missão, a gente deseja dar a própria vida, e acredito que a gente ficará nessa área até Deus permitir, a vida toda.